

ANO 7 - NÚMERO 92 - JUN 2022

Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 15

O FUTURO É INDÍGENA NA TERRA-FLORESTA YANOMAMI

p. 08

BIODIVERSIDADE

Cabelo-de-Índio:
depois do fogo, a florada
p. 15

ECOLOGIA

Viajantes apressados
de uma nave errante
p. 22

MEIO AMBIENTE

O *minimum minimorum*
do programa ambiental
p. 30



Somos todos Caixa Econômica Federal, instituição fundamental para a estabilização econômica e para a manutenção do nível do emprego e da renda, vinculados à expansão da demanda agregada do país. O que nos move é o sentimento do abraço que se entrelaça com outros braços para a partilha, o cuidado e o amparo da coisa pública, juntos e misturados com o povo brasileiro.

Classificamos a Caixa Econômica como instituição financeira pública símbolo da competência e sucesso do país. Defendê-la é um ponto de honra. Falamos de um banco com projetos sociais em todo o Brasil. Não imaginamos o nosso país sem um banco com a capilaridade da Caixa, imprescindível para a justiça social. Ser patriota é defender o que é nosso.

A campanha #SOMOSTODOSCAIXA possui a força de uma semente, com raízes, troncos, ramos, folhas, flores e frutos fincados no chão da cidadania do nosso país. A Caixa representa a alternativa que o Brasil deve abraçar para

#SOMOSTODOSCAIXA



a retomada de um desenvolvimento saudável e sustentável, com oferta de crédito e investimentos públicos em habitação, saneamento e infraestrutura. A valorização de todas as empregadas e todos os empregados do banco poderá ajudar o Brasil a reinventar-se na perspectiva de mais democracia e mais participação popular.

Nosso movimento sonha e se mobiliza para fazer um país que nos traga de volta a alegria e o orgulho de ser brasileiro. Assim é a campanha #SOMOSTODOSCAIXA, cujo saldo registra a vontade do pessoal do banco em abraçar um Brasil mais público e mais social.



**O Pessoal da Caixa abre os braços
pra junto com o povo brasileiro fazer este país**

Campanha da FENAE em defesa da Caixa pública e social
e da valorização do Pessoal da Caixa

“ **Uma ocasião,
meu pai pintou a casa toda
de alaranjado brilhante.
Por muito tempo moramos numa casa,
como ele mesmo dizia,
constantemente amanhecendo.** ”

Adélia Prado, em *Bagagem*

COLABORADORES/AS - JUNHO

Altair Sales Barbosa - Arqueólogo. Antônio Carlos Queiroz (ACO) - Jornalista. Beatriz Haruka - Jornalista. Cristina Ávila - Jornalista. Emir Bocchino - Designer Gráfico. Emir Sader - Jornalista. Florbela Espanca - Poeta (*in memoriam*). Gilney Viana - Ambientalista. Iêda Leal de Souza - Professora. Janaina Faustino - Gestora ambiental. José Ribamar Bessa Freire - Professor. Kleyton Morais - Dirigente Sindical. Leonardo Boff - Ecoteólogo. Lúcia Resende - Professora. Maial Kayapó Paiakan - Jovem Liderança Indígena. Maria Maia - Poeta. Marina Terra - Jornalista. Pedro Borges - Jornalista. Romulo Andrade - Artista Visual. Samuel Leão - Jornalista. Yawarioma Urihi Thëri (Dário Yanomami) - Jovem Liderança Indígena. Zezé Weiss - Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

Jaime Sautchuk - Jornalista (*in memoriam*).

Zezé Weiss - Jornalista. Ailton Krenak - Escritor. Altair Sales Barbosa - Arqueólogo. Ana Paula Sabino - Jornalista. Andréa Luisa Teixeira - Professora. Andrea Matos - Sindicalista. Ângela Mendes - Ambientalista. Antenor Pinheiro - Jornalista. Binho Marques - Professor. Cleiton Silva - Sindicalista. Elson Martins - Jornalista. Emir Sader - Sociólogo. Gomercindo Rodrigues - Advogado. Graça Fleury - Socióloga. Hamilton Pereira da Silva (Pedro Tierra) - Poeta. Iêda Leal - Educadora. Iêda Vilas-Bôas - Escritora (*in memoriam*). Iolanda Rocha - Professora. Jacy Afonso - Sindicalista. Jair Pedro Ferreira - Sindicalista. José Ribamar Bessa Freire - Escritor. Júlia Feitoza Dias - Historiadora. Kleyton Morais - Sindicalista. Kretã Kaingang - Líder Indígena. Lucélia Santos - Atriz. Lúcia Resende - Revisora. Maria Maia - Cineasta. Rosilene Corrêa Lima - Jornalista. Samuel Pinheiro Guimarães Neto - Diplomata. Trajano Jardim - Jornalista.



CONSELHO GESTOR

Agamenon Torres Viana - Sindicalista. Eduardo Pereira - Produtor Cultural. Janaina Faustino - Gestora Ambiental. Joseph Weiss - Economista.

Cá estávamos nós buscando uma forma de celebrar os 30 anos de homologação da Terra Indígena Yanomami quando nossa conselheira aparece com esta belíssima matéria da Marina Terra, editora do site do Instituto Socioambiental, ilustrada por Christian Braga, também do ISA, contando a história do jeitinho que a gente gostaria de ter contado, com firmeza e leveza, como tem sido sempre a luta do povo Yanomami.

Não tivemos dúvidas, optamos por reproduzir a matéria do ISA, na íntegra, porque ela é realmente muito linda e necessária. Gentilmente, nossa parceira Fetec Centro Norte e nosso parceiro Sinpro/DF cederam seus espaços no mês de junho para que pudéssemos registrar também os depoimentos de duas jovens lideranças indígenas: Maial Kayapó Paiakan, filha de Paulinho Paiakan, ancestralizado no ano passado pela Covid-19, e Dário Yanomami, filho do grande Davi Kopenawa que, junto com seu pai, segue a luta de seu povo.

O resto é o de sempre: seguimos fazendo uma revista com temas atuais e diversos, temas de resistência, porque, nesses tempos bicudos, o que nos resta é seguir sonhando e seguir lutando.

Bom proveito, boa leitura!



Zezé Weiss – Editora

Jaime Sautchuk – Editor (*in memoriam*)

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.814.-500 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.





Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Gostei muito de ver o meu primeiro livro (Acre: Um Estado de Espírito) finalmente impresso (www.lojaxapuri.info). Gostei tanto que no entusiasmo li de uma sentada só. Vocês da Xapuri fizeram um excelente trabalho!

Elson Martins – Rio Branco – AC

O Memorial Multimídia SINTEGO HISTÓRIA DE LUTA (www.sintegohistoriadeluta.org) ficou excelente! Gratidão, equipe Xapuri, por este presente para a Educação.

Iêda Leal – Goiânia – GO

Comprei duas camisetas do Lula para presentear pessoas muito queridas. Estamos encantadas com o atendimento e a qualidade das camisetas. Parabéns!

Monica Lins – Rio de Janeiro – RJ



Revista Xapuri

Imagem do mês

@revistaxapuri

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

Xapuri 92

SOCIOAMBIENTAL JUN 22

08 **CAPA**
O futuro é indígena
na Terra-Floresta Yanomami

18 **CONSCIÊNCIA NEGRA**
Yedo Ferreira e a
luta negra

15 **BIODIVERSIDADE**
Cabelo-de-índio:
depois do fogo, a florada

20 **CONJUNTURA**
O enigma Lula

17 **AMAZÔNIA**
Amazônia

22 **ECOLOGIA**
Viajantes apressados
de uma nave errante

Xapuri - Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

26 **RESISTÊNCIA**
Bruno Pereira Dom Phillips
até quando?

28 **GASTRONOMIA**
Strogonoff de brócolis,
palmito e tofu

30 **MEIO AMBIENTE**
Eleições 2022:
o *minimum minimorum* do
programa ambiental

32 **QUESTÃO AGRÁRIA**
Violência no campo
dispara no Brasil

35 **ALMA ACREANA**
Acre: um estado de espírito

38 **RESISTÊNCIA INDÍGENA**
Sônia Guajajara: a Embaixatriz
do Brasil na Time

41 **MITOS E LENDAS**
Ahó Ahó: uma lenda do
sul do Brasil

44 **POLÍTICA**
O Lula está errando
cada vez melhor

46 **SUSTENTABILIDADE**
Pela vida e pela democracia

48 **UNIVERSO FEMININO**
Um salve para Martinha
do Coco!



O FUTURO É INDÍGENA NA TERRA-FLORESTA YANOMAMI

Noite de cinema na aldeia Xihopi, Terra Indígena Yanomami – uma imensidão de vida e floresta na maior Terra Indígena do país, distribuída entre os estados de Roraima e Amazonas. Na tela, iluminando as dezenas de olhos atentos na escuridão, um jovem Davi Kopenawa celebra a assinatura da homologação do território, ocorrida em 25 de maio de 1992.

Depois de anos de luta dentro e fora do Brasil, o xamã e liderança histórica dos Yanomami apontava que a conquista do direito constitucional dos indígenas – assediados na época pela invasão

de mais de 40 mil garimpeiros –, não acabava ali. Era o início de um novo ciclo da luta permanente pelo direito à existência.

“O Yanomami é gente. Yanomami tem família. Yanomami tem criança. Yanomami sente fome, chora, fica triste”, buscava sensibilizar o Davi de 30 anos atrás, desde então situando a defesa da humanidade como caminho e finalidade de suas ações. Três décadas depois, ele foi o anfitrião de um encontro de mundos na Urihi A, a terra-floresta yanomami, a mata que Omama, o cria-

dor, deu para os Yanomami viverem, de acordo com a cosmovisão deste povo.

Abraçados pela floresta amazônica, 500 participantes, sendo cerca de 80 convidados de outros povos e nacionalidades, testemunharam o 3º Fórum de Lideranças Yanomami e Ye'kwana e também a consagração da luta de Davi nos 30 anos da Terra Yanomami.

Em uma cena carregada de força, ao final de um ritual de abertura da jornada, Davi foi alçado no ar por xamãs yanomami. No centro da maloca do Xihopi, Davi parecia segurar o céu.



Cinema na floresta: projeção de filmes durante as comemorações dos 30 anos da Terra Yanomami, na aldeia Xihopi. Foto: Christian Braga/ISA



Reencontro: Ailton Krenak sorri para o amigo de longa data, Davi Kopenawa, no centro do Xihopi, Terra Indígena Yanomami. Foto: Christian Braga/ISA

Desembarcaram no Xihopi também diversos amigos e aliados históricos da luta dos Yanomami. "Os Yanomami são a terra. Vou levar comigo o cheiro daqui, a poesia que está expressa em tudo", reflete Ailton Krenak, ativista, pesquisador e escritor indígena.

Assim como há três décadas, a terra, a alma e a própria existência Yanomami estão gravemente ameaçadas. Os 30 anos da Terra Indígena Yanomami foram comemorados em meio a uma nova onda de invasão ga-

rimpeira, que avançou 46% em 2021, segundo o relatório *Yanomami sob ataque*, da Hutukara Associação Yanomami.

Dario Kopenawa, filho de Davi e vice-presidente da Hutukara, é atualmente um dos principais porta-vozes dos Yanomami na defesa dos direitos dos indígenas. "É muito importante denunciarmos o que está acontecendo", afirma.

Jan Jarab, representante do Escritório da ONU de Direitos Humanos para a América do

Sul, esteve no Xihopi durante toda a jornada e pôde escutar dos próprios indígenas denúncias de violências cometidas contra comunidades assediadas pelo garimpo.

"Depois de 30 anos da demarcação de suas terras, os Yanomami estão enfrentando um novo desafio existencial. São inúmeros os testemunhos", observa Jarab. "O Estado tem que cumprir com suas obrigações – protegendo a legalidade, os Yanomami e outros povos in-

dígenas, expulsando o garimpo das Terras Indígenas, como ocorrido em 1992", ressalta.

O sertanista Sydney Possuelo, também presente no evento, diz que se sente frustrado 30 anos após a homologação da Terra Indígena Yanomami. "É triste o momento, porque, 30 anos depois, estamos vivendo uma situação tão ruim quanto".

Na época, ele era o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai) e liderou a desintrusão do território, antes mesmo da

demarcação. Provou na prática que é possível expulsar o garimpo ilegal e a megaestrutura milionária que está por trás dele. "É preciso, sobretudo, vontade política", destaca.

No entanto, mesmo com as ameaças do garimpo, Davi responde com confiança e lança a flecha que determinaria o tom do evento. "Meu sentimento é mais forte, contente e feliz. Estou vendo o futuro, vejo a geração que vai cuidar dos próximos 30 anos", diz o xamã.

A juventude foi lembrada nos discursos e falas de boa parte dos presentes ao Xihopi. E também se expressou na grande participação dos jovens nas atividades ao longo do evento. Um grupo de jovens comunicadores indígenas Yanomami fez uma cobertura própria, usando telefones celulares para produzir um material audiovisual sobre o encontro.

No último dia, Davi, Dario e diversas lideranças foram ao centro



Conectando mundos: coletivo de jovens comunicadores Yanomami registra encontro na aldeia Xihopi, no Amazonas. Foto: Christian Braga/ISA

da maloca e formaram com letras pintadas em preto a frase “o futuro é indígena”, eternizando em imagens a esperança de renovação da luta. Correndo ao redor, dezenas de crianças da aldeia atendiam ao chamado do xamã.

“A terra é o direito primordial dos povos indígenas. As novas gerações precisam manter seus valores e seguir defendendo a terra”, lembra a deputada federal pela Rede-RR, Joenia Wapichana – primeira mulher

indígena a ser eleita para o Parlamento –, presente na aldeia.

Ela chegou acompanhada da senadora Eliziane Gama (Cidadania-MA), ambas integrantes de comissão de parlamentares que apura violações de direitos humanos na Terra Indígena Yanomami. “Garimpo é crime e assim deve ser tratado. É necessário que o Estado aja conforme a lei”, destaca Joenia.

O alvo primordial dos aliciadores do garimpo são os jovens,

segundo Maurício Ye’kwana, diretor da Hutukara e originário da região de Auaris. Lá, os casos de malária explodiram 247% de 2019 para 2020, de acordo com o relatório *Yanomami sob ataque*. Além disso, a desnutrição infantil atinge 63% das crianças menores de cinco anos na região, localizada na fronteira com a Venezuela.

Maurício conta que é um desafio para a sua geração convencer a juventude a não entrar para o garimpo, pois a promessa de



Participação feminina: mulheres indígenas na comemoração dos 30 anos da Terra Indígena Yanomami na aldeia Xihopi, Amazonas. Foto: Christian Bregol/ISA



Elas que lutam: Beka Munduruku, Alessandra e Munduruku, Erica Vilela Yanomami, Maial Peitikan, Joenta Wapichana, Luiza Lima Góes Yanomami e Watatãkãlu Yawalapitã. Foto: Christian Braga/ISA

dinheiro fácil é sedutora em um contexto de forte degradação social e abandono do Estado.

“Mas explico que a luta traz muito mais do que dinheiro. Traz a proteção da terra, que é o bem mais importante que temos. Sem a terra, não somos nada.”

Maurício é um dos porta-vozes da Aliança em Defesa dos Territórios, coletivo de lideranças indígenas Yanomami, Ye'kwana, Kayapó e Munduruku, formado em dezembro de 2021. As três Terras Indígenas onde vivem esses povos são as mais devastadas pelo garimpo ilegal no país.

MULHERES INDÍGENAS

“Precisamos mostrar aos jovens que nós sabemos produzir de um modo que não destrói a natureza”, diz Alessandra Munduruku durante debate entre membros da Aliança.

A liderança, que sofre constantes ameaças por sua luta contra o garimpo no Rio Tapajós, no estado do Pará, reforça a importância de os povos indígenas se unirem frente a uma conjuntura política hostil. “Nossos inimigos estão fortes e articulados, mas nós temos a maior riqueza de todas, que é a nossa união.”

Alessandra e outras lideranças femininas promoveram uma reunião com as mulheres Yanomami para trocar experiências e fortalecer os laços. O encontro de mulheres indígenas de diferentes povos e estados rendeu frutos imediatos, como articulações para futuros intercâmbios.

“Estou há sete anos na luta e não estou nela à toa. Estou para fortalecer a voz das mulheres”, sublinhou Erica Vilela, Yanomami da região de Maturacá (AM) e presidente da Associação de Mulheres Yanomami Kumirãyōma (AMYK). “Quando encontrei mulheres de outros povos aqui,



O futuro é sem garimpo: crianças Yanomami se divertem no centro da maloca do Xihopi, Terra Indígena Yanomami. Foto: Christian Braga/ISA

me emocionei muito. Nós vamos fortalecer nossa luta cada vez mais. Estou aqui para lutar junto com outras parentes guerreiras.”

O dia 25 de maio de 2022 terminou coroado com um arco-íris cruzando o céu do Xihopi. Naquela noite, os alertas e propostas dos dias de encontro deram origem a uma carta com reivindicações de lideranças Yanomami, Ye'kwana e de outros povos para interromper a destruição da Terra Yanomami e do planeta.

Se no passado Davi levava praticamente sozinho o grito do povo Yanomami, 30 anos depois a resistência se multiplicou por muitos corpos, gerações e, em muitas vozes, que garantem: o futuro é Yanomami, o futuro é indígena, o futuro é sem garimpo!



Marina Terra - Editora do site do Instituto Socioambiental - ISA. Esta matéria foi publicada originalmente no site do ISA: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/o-futuro-e-indigena-na-terra-floresta-yanomami>. Gratidão ao ISA pela permissão de reprodução do belo texto de Marina Terra e das incríveis imagens de Christian Braga. Conforme a matéria do ISA, as comemorações dos 30 anos da Terra Yanomami e o 3º Fórum de Lideranças Yanomami e Yek'wana aconteceram no final de maio na aldeia Xihopi, estado do Amazonas, e contaram com o apoio da “Fundação Rainforest” da Noruega, Embaixada da Noruega e *Global Wildlife Conservation*.



Foto: José Tadeu Arantes | Agência FAPESP

CABELO-DE-ÍNDIO: DEPOIS DO FOGO, A FLORADA

Zezé Weiss

À medida que o frio chega com seu vento seco, nós daqui do Cerrado vamos nos preparando para viver a agonia das queimadas. Ano sim, ano sim de novo, aos poucos o ar vai se enchendo de fumaça, até ser totalmente tomado pelas cinzas dos troncos retorcidos, destroçados pelas labaredas do desmatamento.

Em meio a essa tragédia, uma linda flor branca, conhecida como cabelo-de-índio, insiste em resistir. Horas, apenas 24 horas depois do

fogo forte, a *Bulbostylis paradoxa*, uma erva perene da família *Cyperaceae*, desabrocha esplendorosa.

Dados sobre essa fênix do Cerrado, que literalmente rebrota das cinzas, estão no estudo *From ashes to flowers: a savanna sedge initiates flowers 24 hours after fire*, da pesquisadora brasileira Alessandra Fidelis, publicado na revista *Ecology* em março de 2019.

Uma extensa matéria do professor José Tadeu Arantes, com mais

informações sobre a *Bulbostylis paradoxa*, bem como sobre a presença e consequências do fogo na savana mais biodiversa do planeta, agravadas pela expansão da fronteira agrícola, encontra-se disponível em: <https://ciclovivo.com.br/planeta/meio-ambiente/planta-do-cerrado-floresce-queimada/>.



Zezé Weiss - Jornalista Socioambiental.

NÓS FAZEMOS A DIFERENÇA E NÃO ESTAMOS À VENDA



MEXEU COM OS BANCOS PÚBLICOS, MEXEU COM O BRASIL



BANCÁRIOS DF
SINDICATO DOS BANCÁRIOS DE BRASÍLIA



AMAZÔNIA

— Maria Maia

*Tenho pela Amazônia uma sensação estranha
De que ela vive em minhas entranhas*

*Minhas veias são seus rios e igarapés
Meu pulmão respira suas árvores em pé*

*Quando ela queima arde em minha carne
A fumaça que se espalha me sufoca e me invade*

*A Amazônia não suporta mais tanto horror
De ver queimar árvores e bichos sem pudor*



Maria Maia - Poeta, escritora e cineasta amazônica. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.

YEDO FERREIRA E A LUTA NEGRA

Pedro Borges

Recentemente publiquei nas minhas redes sociais esta excelente matéria do Pedro Borges, com edição de Nadine Nascimento, sobre meu xará Yedo Ferreira que, aos 88 anos, segue firme na luta contra o racismo em nosso país. Do alto de sua longa trajetória de luta e resistência, o camarada Yedo nos faz refletir sobre a importância do movimento negro que para ele seria, ou poderia ser, mais revolucionário...

Yêda Leal/Coordenadora Nacional do MNU.



Foto: divulgação

Depois da fundação do Movimento Negro Unificado (MNU) na cidade de São Paulo, em 7 de julho de 1978, a organização passou por um processo de expansão e consolidação de núcleos em diferentes regiões do país. Poucos meses depois, em 9 de setembro, Yedo Ferreira e um grupo de pessoas fizeram o primeiro evento público da entidade na capital fluminense, uma assembleia para aprovar a primeira carta de princípios e o estatuto do MNU.

Aos 88 anos, Yedo Ferreira prepara um relatório para apresentar para o Movimento Negro Unificado (MNU) para discutir com a coordenação nacional o atual cenário vivido pelo país, as práticas de violência contra o povo negro, e pautar ações de mobilização e denúncia, no âmbito nacional e internacional.

Residente do bairro de Marechal Hermes, subúrbio da zona norte do Rio de Janeiro, em uma casa decorada com símbolos católicos e retratos de atividades políticas do passado,

ele apresentou um diagnóstico da situação vivida pelo Brasil para a *Alma Preta Jornalismo*.

“E de tendências neonazistas, porque não é só o presidente da República, mas o grupo ideológico do qual ele faz parte”. Ele acredita que, embora setores conservadores sejam contrários a um confronto explícito, Bolsonaro representa o desejo de parte da sociedade de um combate generalizado. “O pensamento dele é partir para o confronto, se possível a guerra civil”.



O governo Bolsonaro, contudo, não representa um aumento da prática do racismo. De acordo com Yedo Ferreira, o racismo permanece violento da mesma maneira contra pessoas negras, porque independente da mudança de governo, o Estado brasileiro tem o povo negro como alvo.

YEDO FERREIRA E A LUTA NEGRA

Yedo Ferreira nasceu em 27 de agosto de 1933, no Rio de Janeiro. Desde os 18 anos de idade, é um ativista político. Naquele período, filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), principal legenda de esquerda durante parte significativa do Século XX.

Quando ele entrou no chamado Partidão, como o PCB é conhecido, em 1952, o Brasil vivia sob o governo de Getúlio Vargas, que seria vítima de suicídio dois anos depois, em 1954. Yedo Ferreira passou por diferentes momentos da política brasileira, como a chegada do regime militar, a partir de 1964, e a consequente clandestinidade do PCB.

Por conta de uma política do partido, ele foi afastado dos quadros do PCB em 1965. Os quadros, como eram chamados os ativistas, eram desligados para permitirem a continuidade do sigilo das figuras do comitê central da legenda. Yedo Ferreira então saiu do Rio de Janeiro e foi para Santa Catarina, onde ficou por três anos.

Distante da vida política, Yedo decidiu voltar para o Rio de Janeiro e estudar para o vestibular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), para o curso de matemática, no campus do Fundão, na zona norte do município. A investida deu certo e Yedo Ferreira ingressou na universidade.

Foi lá, em 1968, que, em contato com outros estudantes negros, ouviu o seguinte questionamento: “O que você acha sobre a luta dos negros que está ocorrendo nos EUA?”. A resposta com poucos detalhes o estimulou a pesquisar mais sobre o assunto. “Em 1968 eu tinha 35 anos de idade, foi quando pela primeira vez eu despertei a minha atenção para a luta de movimento negro. Até ali, no partido, sobre a África não conhecíamos nada”.

Poucos anos depois, Yedo Ferreira também foi provocado pelo professor da Faculdade Cândido Mendes, José Maria, que o abordou sobre as lutas de independência em África. Para José Maria, é necessário se referenciar nas lutas de libertação africanas mais do que nos enfrentamentos dos negros americanos. “A luta de vocês deve ser a de libertação nacional, ele me disse, e eu falei que ficaria pensando naquilo”.

Os diálogos com o amigo José Maria surtiram efeito e Yedo Ferreira passou a se organizar a partir do princípio da necessidade da libertação nacional dos negros. “Nos EUA, o negro é minoria, mas no Brasil é maioria. Se nós somos maioria, e estamos fora da nação brasileira, que é a nação do povo branco, então a nossa luta é de libertação nacional”. Em 1973, os dois fundaram o Centro de Estudos Afro-asiáticos, para melhor entender as dinâmicas raciais no país.

O passo mais importante na luta contra o racismo se deu em 1978, quando acompanhou o processo de criação do Movimento Negro Unificado (MNU) durante a ditadura militar. Em 7 de julho daquele ano acompanhou em São Paulo a fundação da organização e, em 9 de setembro do mesmo ano, articulou, junto com outros colegas, a assembleia de aprovação da carta de princípios e o estatuto da entidade, no Rio de Janeiro.

Durante o encontro, contudo, um desentendimento entre dois colegas o afastou do MNU, logo no início da história da entidade. Ele ficou 15 anos distante e retornou em 1993. Naquele ano, foi tirada uma orientação interna da organização de reaproximar antigos militantes e de colocar em pauta uma discussão que muito interessava a Yedo, o projeto político de país do povo negro. “Eu me comprometi a contribuir neste projeto e me comprometi a voltar para o MNU. Voltei e durante todo o tempo sempre levantei isso”.

Ao longo da histórica recente do país, Yedo Ferreira acredita que o movimento adotou atitudes diferentes daquelas previstas de organizações revolucionárias, fatos que geraram

um descompasso entre as demandas reais do povo e a luta organizada.

“A causa do povo negro é revolucionária, mas a militância é integracionista. Essa militância é denunciada e reivindicatória. Ela não pensa na luta política consequente. Ela vai sempre a reboque, principalmente, da esquerda, da elite branca dos partidos de esquerda”.

A posição de subalternidade adotada diante da esquerda brasileira, majoritariamente branca, faz o movimento negro ocupar um lugar secundário na luta. No processo eleitoral do Brasil em 2022, ele acredita que o movimento negro terá papel de coadjuvante.

“Nós somos apenas uma plateia, que vamos ver as coisas acontecerem, sem poder definir como as coisas vão acontecer. Nesse processo eleitoral não existe saída”.

Uma das razões para isso é a existência de uma distância entre o movimento negro e a comunidade. Para ele, mesmo sem uma elite negra econômica, o acesso a espaços de classe média geram esse afastamento.

“Nós, o movimento negro, e eu sempre coloquei isso para a militância, não conseguimos nos aproximar do nosso povo. O nosso povo a gente cita nas falas, ‘porque vive na favela’, só no discurso, porque sempre ficamos distantes. Eu sempre digo que a militância é um movimento de elite. Nós somos elite em relação à massa da população negra pelo estudo. Não elite econômica, porque ninguém tem dinheiro, mas pelo estudo”.



Pedro Borges - Jornalista, em <https://almapreta.com/sessao/cotidiano/estamos-sob-um-governo-supremacista-branco-diz-yedo-ferreira-do-mnu>.



Iêda Leal - Tesoureira do SINTEGO / Secretária de Combate ao Racismo da CNTE / Coordenadora Nacional do MNU / Coordenadora do Centro de Referência Negra Lélia Gonzalez / Secretária de Comunicação da CUT-Goiais.



O ENIGMA LULA

Emir Sader



Lula é um enigma político: quem não o decifra, é devorado por ele. A direita e a ultra esquerda subestimaram Lula e foram devoradas.

A direita acreditava que Lula fracassaria rapidamente. Um ex-ministro da ditadura chegou a dizer que "um dia o PT teria que ganhar, governar, fracassar, e aí poderiam dirigir o país com calma". Lula foi o maior sucesso como presidente, se consagrou e devorou a direita, derrotada sucessivamente em quatro eleições para presidente e em pânico de

sê-lo uma vez mais, com a volta de Lula à presidência do Brasil.

A ultra esquerda achava que Lula seria “desmascarado” pelos trabalhadores, porque os estaria “traindo”. Foram igualmente devorados e fracassaram, ficando restritos a uma força intransigente, enquanto o Lula tornou-se o maior líder do povo brasileiro.

O enigma de Lula tem que ser decifrado a partir da capacidade de construir um modelo anti-neoliberal e uma força política capaz de colocá-lo em prática, mesmo com uma brutal herança recebida dos governos neoliberais e num marco internacional dominado por esse modelo. Lula conseguiu construir uma força dominante, mesmo sem maioria de esquerda, mediante alianças com hegemonia da esquerda.

Foi assim que Lula colocou em prática o objetivo histórico do PT de prioridade das políticas sociais como forma de combate à desigualdade, definida como o principal problema da sociedade brasileira. Foi mediante políticas sociais que seu governo se afirmou, se consolidou, construiu maiorias políticas no país e pôde se impor.

Foi mediante o resgate do Estado como indutor do crescimento econômico e garantia dos direitos sociais negados historicamente para as grandes maiorias da população que Lula recuperou a legitimidade do Estado, promoveu o período de maior estabilidade e legitimidade de um partido político no governo na história democrática do Brasil.

Foi promovendo uma política externa centrada na integração regional e nos intercâmbios Sul-Sul que Lula afirmou a soberania até ali abandonada do Brasil no mundo e projetou o nome do país e o seu próprio como estadista de alcance mundial, no combate à fome e pela solução pacífica dos conflitos no mundo.

A direita continua a não entender o significado de Lula para

o país, para o povo brasileiro e para o mundo, quando crê que mediante acusações infundadas e sobre temas ridiculamente sem importância consegue destruir a imagem de um líder como ele. Ao fazê-lo, reafirma a transcendência de Lula, seu temor da liderança dele, são formas disfarçadas de reverência a seu potencial de condutor do país a uma solução positiva e democrática da crise atual.

A grandeza da trajetória e da liderança de Lula contrastam com as baixezas e os personagens sórdidos que tentam protagonizar a impossível destruição da imagem do Lula no povo, porque ela não é produto de uma campanha de marketing, de mídia, que termina com a rapidez de uma bolha de sabão. Esse é o desespero da direita: não conseguir apagar o Lula da consciência dos milhões e milhões de pessoas que tiveram seu destino mudado radicalmente para melhor com o governo de Lula e têm sua vida intrinsecamente vinculada à de Lula. Creem que pesquisas manipuladas apagam da consciência e da vida das pessoas um líder como Lula que, por sua vida e por sua atuação como líder político, estão na memória e na alma das pessoas para sempre.

Uma vez mais a direita será devorada pelo enigma Lula, pelo mito Lula, pelo Lula brasileiro da Silva, que representa o Brasil mais do que qualquer outros dos mais de 200 milhões de brasileiros, porque elevou as pessoas e o país à dignidade e ao respeito que sempre lhes tinham sido negados.

O povo soube decifrar o enigma Lula e Lula conhece os interesses e a sensibilidade do povo brasileiro. Por isso desperta tanto temor nos de cima e tanta esperança nos de baixo, que são a grande maioria do Brasil.



Emir Sader - Sociólogo. Cientista político. Colunista do Brasil 247, fonte desta matéria. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.



VIAJANTES APRESSADOS DE UMA NAVE ERRANTE

Altair Sales Barbosa

O meio ambiente é formado basicamente por três grandes conjuntos de elementos ou recursos. O primeiro conjunto é composto por quatro grandes recursos, três deles de natureza material: o atmosférico, o hidrosférico e o litosférico.

O quarto recurso é constituído pelos seres vivos que são sistemas de base físico-química, que possuem variados padrões de organização específicos, que são automanteníveis, autoperpetuáveis e autorreguláveis, que têm a capacidade de evoluir ao longo do tempo e de relacionar-se entre si e com o meio. Esses

quatro recursos que formam o primeiro conjunto recebem a denominação de Biogeoestruturas.

O segundo grande conjunto recebe a denominação de Entorno e varia de lugar, conferindo a cada ambiente suas características próprias. O Entorno é formado por uma série de fatores físicos e físico-químicos, tais como o clima ou regime climático, a energia, a gravidade e a gravitação, o relevo ou topografia, a intensidade de ruídos, a concentração iônica, o fogo espontâneo ou proveniente de outras causas etc.

Um terceiro conjunto de componentes são os chamados

Sistemas Externos Incidentes, que proporcionam insumos de energia e ou matéria. Entre eles está o Sol, que proporciona energia radiante aos sistemas terráqueos, aos sistemas marinhos, que proporcionam oxigênio aos sistemas terrestres aéreos, através dos ventos.

Os três grupos de conjuntos citados – biogeoestruturas, entorno e sistemas externos incidentes, não estão justapostos no meio ambiente, mas interatuam, formando sistemas dotados de alto grau de organização, como uma maneira de contrapor a

tendência à entropia que têm os sistemas físicos e químicos.

Esses sistemas que representam as unidades de organização do meio ambiente recebem o nome de ecossistemas ou sistemas ecológicos. Cada ecossistema compreende uma atmosfera, uma hidrosfera, uma litosfera e uma comunidade biótica, ou seja, o conjunto de populações vegetais e animais. Compreende também os elementos do entorno e os elementos originados dos sistemas externos incidentes, que atuam localmente.

Portanto, um ecossistema é um sistema integrado por todos os organismos vivos, incluindo o homem, e pelos componentes físicos e químicos presentes, que ocupam o setor ambiental definido no espaço e no tempo e cujas propriedades reais de funcionamento e regulamentação derivam das interações de seus componentes, estando condicionado o comportamento de cada um pelo estado dos outros.

O ser humano atual é o resultado de dois processos evolutivos que se sobrepujaram ao longo do tempo: a evolução biológica que compartilha com os demais seres vivos e que fundamentalmente consiste na transferência de adaptações biológicas que facilitam a sobrevivência e a seleção das espécies e a evolução cultural, resultado dos avanços tecnológicos logrados pela espécie humana em sua evolução biológica.

A evolução cultural tem significado, por um lado, a organização do homem em grupos sociais que tem gerado problemas demográficos, problemas de saúde, problemas de educação, problemas institucionais etc. Por outro lado, a evolução cultural agregou, ao fluxo básico de energia e de informação e de circulação de matéria, o fluxo do dinheiro como resultado dos intercâmbios e das transações, gerando assim uma série de variáveis econômicas relacionadas com produção, capital, trabalho, comércio, indústria, consumo, níveis de preços, planificação de

inversões, maximização de ganho, transferências de tecnologias etc.

A aplicação das diversas tecnologias sobre as biogeoestruturas naturais não só originou diversas manufaturas como artesanato, instrumentos, maquinários etc., como também deu origem a uma grande quantidade de ecossistemas artificiais, cidades, metrópoles, megalópoles, campos de cultivo, áreas de pastoreio, pastagens artificiais, represas, canais de regadio, rodovias, vias férreas, aeroportos, grandes usinas, complexos atômicos etc. Por último, a evolução cultural tem originado uma série de estruturas culturais ou ideo-facturas: ideias filosóficas, crenças, conhecimentos, valores, normas etc.

A grande maioria dos estudos contemporâneos aponta que a raiz dos males da sociedade moderna reside na dicotomia Homem-Natureza, que por sua vez é a base na qual está a essência da cultura ocidental. Este é o grande paradigma da contemporaneidade.

Para entender esse universo, torna-se necessário ressaltar três pontos importantes que caracterizam a cultura ocidental.

O primeiro ponto refere-se à **DESNATURIZAÇÃO DO HOMEM**, cuja origem está associada ao monoteísmo, porque com o monoteísmo nasce a noção do indivíduo que tem poderes para dialogar diretamente com a divindade, separando o eu do corpo e criando a noção de natureza humana e natureza externa.

Ao longo da Idade Média a desnaturização vai ser sedimentada e, no Renascimento, é radicalizada, quando o pensamento científico é sistematizado. A natureza é tratada como um corpo externo, surgindo assim os limites entre os saberes como, por exemplo, Ciências Humanas X Ciências Naturais.

Os limites entre as ciências são paradigmas da modernidade, que nasce com a desnaturização do homem e se constitui no primeiro passo para a alienação. A noção de indivíduo é reforçada e traz como

consequência a noção de propriedade privada.

Com as modificações produzidas pelas revoluções industriais, revolução mecânica, revolução elétrica e revolução eletrônica, outro fator acontece: o êxodo forçado, a saída do homem do campo. Num primeiro estágio, esse fenômeno denominado **DESTERRERAÇÃO** atinge as famílias camponesas tradicionais que moldaram a ruralidade regional. Com o incremento da tecnologia e o avanço do capital, comunidades inteiras são desestruturadas e desabrigadas, criando o fenômeno da **DESTERRITORIZAÇÃO**.

A desterritorialização traz para a realidade atual a categoria dos SEM (Sem-Terra, Sem-Teto, Sem-Emprego, Sem-Documents etc.). Esse fenômeno acentua ainda mais a sensação e a condição de alienação.

Expulsos de suas terras pelos poderosos, através da compra e falsificação de títulos, os posseiros, em cujas posses não legalizadas viviam durante várias gerações, vão buscar abrigo nos centros urbanos ou nos postos de serviços implantados ao longo dos sistemas viários, que experimentam um repentino crescimento. Nesses locais, os sem-terra se transformam também nos sem-teto.

Nos centros urbanos essa categoria social vai ocupar as periferias, as planícies de inundação dos rios, as encostas dos morros etc. Nestes locais as famílias vão estruturando suas vidas e seus espaços, caracterizados pela desorganização social e ambiental. E assim vão tocando seu viver, até que um belo dia, um dos ciclos naturais provoca, por exemplo, excesso de chuvas.

Quando estas se precipitam nos morros, o solo é saturado e a água acumulada no lençol freático pode se armazenar numa rocha não porosa do substrato, formando um aquícluído que escorre com grande energia, levando tudo que se encontra à sua frente. Quando o aumento da pluviosidade enche os rios, estes transbordam e cobram de volta



suas planícies de inundação, que por sua vez estão ocupadas pelos barracos. As consequências são destruição, mortes, doenças e a origem de uma situação social ainda mais perversa.

As comunidades desestruturadas não encontram também nos polos urbanos empregos estáveis, que sejam capazes de lhes permitir uma melhor perspectiva de futuro.

Perdidos e carentes, qual cuite-linho sem néctar, num ambiente estranho, são presas fáceis das propagandas enganosas, estimuladoras do consumismo. Também se tornam reféns de uma indústria fonográfica que lhes impõe músicas que cantam e acentuam a situação de depressão e alienação. Impossibilitados economicamente de poderem usufruir dos bens divulgados, muitos veem a razão da existência perder a própria racionalidade e mergulham na neurose da fuga através dos alucinógenos, ou procuram obter esses bens por meio de métodos que a sociedade organizada classifica como atos ilícitos.

A desagregação da família, a prostituição infantil e a perda do amor pela vida são apenas algumas das consequências ditadas pelo desespero.

...O perfil da população carcerária do Brasil mostra que a grande maioria é composta por jovens, negros e pobres...

...No grande oeste da Bahia já existe um ditado que está se tornando corriqueiro e que reflete uma situação na qual estão mergulhados mais de 80% do Cerrado brasileiro:

Passarinho sem grande autonomia de voo, não deve se aventurar por estas bandas, porque, se precisar descansar, não encontrará um galho de árvore para pousar.

Retiraram as plantas nativas, estão secando os aquíferos, o veneno jogado nas plantações está levando à extinção os últimos representantes da fauna nativa, desde insetos, répteis, aves e mamíferos, alienam as mentes dos inconscientes.

Tudo isso é sabido.

Essa situação é tão conhecida que já se torna enfadonha a sua lembrança.

Entretanto, quem a criou? Quem está judiando e fazendo sofrer este mundo natural e cultural, que na realidade são categorias indivisíveis? Teria sido "Chico Bento que não tem casa e dorme ao relento, ou seria José desesperado, que se encontra desempregado? Ou quem sabe talvez Maria, tão pequenina que passa fome desde menina?"

A grande maioria sabe que não, mas parece cega, surda e muda, por isso a missão de quem acorda mais cedo é despertar toda a aldeia.

Os responsáveis por essa situação são os detentores do grande capital, que possuem uma grande teia de aliados, diluída em diversos escalões, cujos representantes estão distribuídos pelos vastos rincões do Brasil. Eles e seus comparsas têm muito mais do que necessitam. Estes não só são os grandes causadores deste mal-estar, mas deveriam ser classificados como "os exterminadores do futuro". Porém, eles não engrossam as estatísticas da

população carcerária, pois são protegidos por uma redoma mágica denominada impunidade.

Travestidos de ecologistas, hospedam o vírus da responsabilidade individual na cabeça dos fracos e inconscientes que, por sua vez, saem disseminando ideias, convenientes e paliativas, propondo a troca de sacolinhas plásticas por pano ou papel. Ou sensibilizando plateias com suas historinhas ingênuas, como aquela do beija-flor que sozinho tentava apagar o incêndio da floresta com uma gota de água no bico.

Os amantes da responsabilidade individual estão indo mais longe, com a bandeira descorada da educação ambiental conclamam: "Temos que salvar o planeta", como se este dependesse dos homens para sobreviver.

Agindo dessa forma querem confundir a cabeça dos abnegados, possivelmente para abafarem ou não entrarem em situações conspiradoras.

Portanto, se o Homo-sapiens não tiver conhecimento eliberdadenecessáriaesuficiente para entender os caminhos profundos dessa luta a favor do meio ambiente como um todo, eliminando os eixos da superficialidade, não passará de um viajante apressado nesse planeta errante.



Altair Sales Barbosa - Pesquisador do CNPq, Pesquisador convidado da UniEVANGÉLICA de Anápolis. Sócio-Titular do Instituto

Histórico e Geográfico de Goiás. Conselheiro da Revista Xapuri.

SINTEGO HISTÓRIA DE LUTA MEMORIAL MULTIMÍDIA

**Um Memorial para contar a história de luta do
SINTEGO, o maior Sindicato de Trabalhadores
e Trabalhadoras do Estado de Goiás.**



**AGORA À DISPOSIÇÃO DA EDUCAÇÃO, DA COMUNIDADE GOIANA
E DA SOCIEDADE BRASILEIRA**

ACESSE AQUI:

www.sintegohistoriadeluta.org





BRUNO PEREIRA DOM PHILLIPS ATÉ QUANDO?





STROGONOFF DE BRÓCOLIS, PALMITO E TOFU

Beatriz Haruka e Samuel Leão

A alimentação, um dos maiores pilares da vida humana, assim como a respiração ou a exposição à luz solar, é tão frequente que se torna quase um gesto automático, involuntário, pouco pensado em nosso dia a dia.

Contudo, sabe-se de seu papel na transformação do corpo humano, em sua própria destituição e restituição diárias, e frases como “Você é o que você come” buscam reacender essa consciência objetiva da comida.

Em tempos nos quais a alimentação se torna cada vez mais industrial, feita para durar meses e circular ao redor do mundo, percebe-se um dos malefícios da globalização descuidada.

Os povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e interioranos em geral são referência em alimentação sazonal, seguindo as especificidades do ecossistema que os circunda, descobrindo os próprios corpos, a nutrição e a satisfação, em conjunto com a natureza.

Apesar da beleza da alimentação regionalista, precisamos ter consciência das barreiras que hoje existem e da praticidade que foi dada aos alimentos englobados pelos “Ceasas” e pelo comércio em geral.

Com isso em mente, preparamos uma receita simples, porém muito querida nacionalmente, aqui

em versão econômica e vegana, sem o uso de ingredientes de origem animal.

O tradicional Strogonoff, conhecido como um prato russo, mas que de acordo com a história mais aceita, foi criado por um chefe francês que trabalhou para uma importante família russa, os Stroganov, que acabaram batizando o prato: Strogonoff de brócolis, palmito e tofu.



INGREDIENTES

1 pote de palmito
1 brócolis
5 tomates
1 cebola
5 dentes de alho
200g castanha de caju
1/2 ~ 1 copo de água
200g de tofu
1/2 xícara de amido de milho
Pimenta do reino
Sal
Páprica defumada
Batata palha



PREPARO

1. Retire o excesso de água do tofu com o papel toalha e corte em cubos. Em seguida, empane no amido de milho.

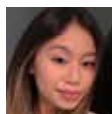
2. Unte a frigideira com óleo vegetal e distribua o tofu para que todos estejam em contato com a panela. Deixe dourar por 5 minutos, vire e deixe por mais 3 minutos. Reserve.

3. Para fazer o molho, coloque na panela a cebola e o alho e deixe dourar. Adicione os tomates, tampe a panela e espere reduzir.

4. Para fazer o creme de castanha de caju, bata no liquidificador as castanhas com a água por 5 minutos ou até ficar homogêneo.

5. Junte o creme ao molho de tomate e misture até incorporar tudo. Logo em seguida, tempere com sal, pimenta e páprica defumada.

6. Por último, junte o tofu, o palmito e o brócolis cozido. Sirva com arroz e batata palha como acompanhamento.



Beatriz Haruka -
Ativista alimentar



Samuel Leão -
Jornalista.

ELEIÇÕES 2022:

O *MINIMUM MINIMORUM* DO PROGRAMA AMBIENTAL



Foto: Caetano Scannavino

Nas eleições presidenciais de 2022, quero votar em um candidato e em um programa. Já tenho o candidato, naturalmente de oposição e antineoliberal, mas sinto falta do programa. Então me permito alinhar propostas para o programa mínimo de governo e para o *minimum minimorum* do programa ambiental em que desejo votar, porque acredito que estes devem ser frutos de ampla discussão pública e de uma síntese coletiva.

Para mim, o programa de governo deve ter referência utópica, perspectiva de futuro, anticapitalista e não apenas antineoliberal. Uma utopia concreta, desenhada pelos sonhos acordados que

anunciam transformações da realidade a partir de tendências construídas pela luta social, política, cultural, ecológica, geracional, de gênero, raça e nacionalidades, capazes de superar determinações históricas que sustentam este modo de produzir, consumir e viver que gerou a exclusão social da maioria da humanidade e impôs a crise ecológica global.

Neste nível, não valem contra-argumentos de correlação de forças desfavorável e menos ainda de garantia de governabilidade. Aliás, mesmo em nível conjuntural, essas condições devem ser relativizadas, porque elas mudam, haja vista a mudan-

ça de tendência política em 2015 em favor da direita; e a mudança de tendência em curso em 2022 em favor da esquerda, no Brasil.

Sem perder a referência utópica anticapitalista e as condicionantes da nova ordem geopolítica mundial que está se forjando, o programa mínimo de governo para o Brasil na atualidade deve se concentrar, a meu ver, no enfrentamento da contrarrevolução ultra neoliberal de 2016-2018 e suas consequências destrutivas, a partir de quatro urgências:

α) transição do estado de direito de baixa intensidade para um renovado estado de direito democrático garanti-



do por diferentes formas de participação popular;

b) superação do estado de carência material que aflige a maioria das famílias, o que exigirá medidas de geração de emprego; recuperação do salário mínimo; garantia de renda mínima para as famílias, acesso gratuito aos serviços públicos de educação e saúde e subsídios para o transporte coletivo;

c) transição ecológica com metas plausíveis de proteção aos biomas brasileiros e metas de redução das emissões de gases do efeito estufa para além das assumidas junto ao Acordo de Paris; medidas imprescindíveis para uma progressiva superação do padrão extrativista da economia nacional;

d) reposicionar o Brasil no contexto internacional, nos planos econômico, financeiro, político e ecológico, fortalecendo a tendência geopolítica de construção de um mundo multipolar.

Dentro da estratégia de enfrentamento e reversão da contrarrevolução ultraneoliberal e definida a transição ecológica como urgência do programa mínimo para se enfrentar a crise ecológica e, ao mesmo tempo, propor iniciativas que anunciam um novo padrão para a economia (duas dimensões que estão associadas), indico, ainda que de forma sintética, as 10 propostas principais do *minimum minimorum* do programa ambiental:

1. Reconstituição imediata dos aparelhos de gestão ambiental do Estado: MMA, Sisnama, Singreh, Ibama, ICMBio, Inpe, Incra e outros, resguardando sua autonomia funcional e recuperando sua capacidade de ação;

2. Transversalidade da transição ecológica para atuação sinérgica de todos os ministérios e instituições do Estado e do governo, para garantir a efetividade das metas de proteção da biodiversidade,

do combate à desertificação e da mudança do clima.

3. Política Nacional de Mudança do Clima mais ambiciosa, visando transformar o Brasil em credor do balanço de CO₂e, com metas muito além das assumidas no Acordo de Paris, com imediata revisão da NDC de 2021, para superar a pedalada climática; e estabelecimento de políticas e metas para redução nos setores de emissão. Estabelecer um plano de substituição de fontes de energia fóssil por fontes de energia renováveis; e de captação e armazenamento do CO₂e da atmosfera pelo método natural de reflorestamento de cerca de 15 milhões de hectares.

4. Desmatamento zero legal e ilegal. De imediato declarar moratória do desmatamento nos biomas Amazônia, Cerrado e Pantanal. E de forma permanente estabelecer o parâmetro do desmatamento líquido zero para compensar as exceções de cunho social ou necessidade pública.

5. Licenciamento, fiscalização e monitoramento ambiental com padrão de excelência e transparência: a) reforçando IBAMA, o ICMBio, Singreh e Sisnama; b) redefinindo as competências administrativas concorrentes dos entes estatais; c) unificando os cadastros rural, ambiental e fiscal, tornando-os instrumentos legais, verificáveis, para os proprietários junto às instituições de crédito (por exemplo) e para os agentes do Estado em suas ações administrativas e judiciais.

6. Amazônia: Não conceder licenciamento e menos ainda financiar grandes obras que promoverão aumento do desmatamento e emissões de CO₂e: a) asfaltamento da BR 319 (Manaus (AM) a Porto Velho (RO)); b) construção da Ferrogrão (Sino (MT) a Miratuba (PA)); construções de usinas

hidrelétricas no Rio Tapajós; c) não aprovar leis ou medidas administrativas que facilitem a regularização fundiária; isto é, legalização da grilagem e do desmatamento ilegal.

7. Gestão política de alto nível para Áreas Protegidas (Terras Indígenas, Unidades de Conservação, Territórios Quilombolas, Comunidades Tradicionais) ao nível da presidência da República, a partir de conclusão do reconhecimento, demarcação e registro das terras ainda por demarcar e registrar - fundamental para a proteção da sociobiodiversidade.

8. Acabar com subsídios financeiros às atividades do agronegócio responsável por mais de 70% das emissões de CO₂e no Brasil: Lei Kandir, financiamentos do Plano Safra sem rígidas exigências ambientais. Em contrapartida, incentivar agricultura voltada para o mercado interno, com padrões de agroecologia, que também devem orientar os planos da Reforma Agrária.

9. Cidades Sustentáveis: acabar com a especulação imobiliária impedindo a expansão aleatória das cidades para além do Plano de Ordenamento Territorial e do Zoneamento Ecológico; investir no transporte coletivo, especialmente metrô, trens urbanos, e vias para ciclistas e pedestres; redução controlada das emissões de CO₂e e particulados por veículos automotores.

10. Participação da sociedade em todas as instâncias de planejamento e execução da política ambiental, condição imprescindível para o sucesso.



Gilney Viana - Ambientalista.
Professor Universitário. Escritor.



VIOLÊNCIA NO CAMPO DISPARA NO BRASIL

Cristina Ávila

O Brasil bate recordes de violência contra comunidades tradicionais e agricultores familiares. Em 2021, cresceram em 1.110% as mortes consequentes de conflitos no campo e houve dois massacres de indígenas e sem-terra. Matadores de encomenda, agromilícias e agentes públicos cometeram 35 assassinatos em áreas rurais, número superior aos 20 registrados em 2020. Foram mais de duas execuções por mês na Amazônia Legal (80% do total do País). Na região Norte, a água também é motivo de graves conflitos, com aumento de 18% de casos e 54% do número de famílias envolvidas. Na parte amazônica de seu território, o Maranhão enfrenta uma situação calamitosa, com aumento de nove vezes nos registros de enfrentamentos por conta da água.

É o pior cenário da série histórica registrada pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) desde 1985. Nesta segunda-feira (18), a CPT lança o relatório *Conflitos no Campo Brasil 2021*, um retrato cruel sobre a violência rural que não cessa. Em 20 de março de 2022, militares ao sul da Venezuela provocaram a chacina de três homens, de 22 a 30 anos, e uma mulher de 45, do povo Yanomami que vive em regiões de fronteira. Foi o segundo em sete meses na mesma Terra Indígena. Em agosto do ano passado, foram assassinados três indígenas isolados (sem contato) Moxihatëtëã”, no garimpo Faixa Preta, do lado brasileiro, onde esse território está invadido por 20 mil garimpeiros. O levantamento parcial da CPT já contabiliza 14 assassinatos

em 2022 no país, o que indica que a tendência é esse cenário só piorar.

Outra morte lembrada no relatório é o assassinato dos ambientalistas José Gomes, o Zé do Lago, de sua companheira Márcia Nunes Lisboa e sua filha Joane Nunes, em 9 de janeiro deste ano. Eles atuavam na proteção de tartarugas dentro da Área de Proteção Ambiental Triunfo do Xingu. Até o momento, o Estado não concluiu as investigações.

A violência contra os Yanomami, que já foi abordada na série especial *Ouro do Sangue Yanomami* e na cobertura da *Amazônia Real*, é comparada ao Massacre de Haximu, ocorrido em 1993. Na ocasião, 16 indígenas foram mortos. O caso, que contou com uma das atuações mais importantes do Ministério Público



OS VILÕES DE SEMPRE

Em um balanço geral de todo o Brasil, as causas dos conflitos pela água cresceram provocados por mineradoras internacionais (30%), setores empresariais (19%), fazendeiros (14%), pela instalação de hidrelétricas (10%), empreendimentos governamentais (9%) e pela atuação de garimpeiros (8%).

“Chama a atenção ano a ano o protagonismo persistente das mineradoras, como principal ator dos conflitos por água”, apontaram os pesquisadores Maiana Teixeira e Talita Montezuma, autoras de textos do relatório. Entre os registros, 135 envolvem disputas por uso e preservação das águas, 127 se relacionavam a obras como açudes e barragens e 40 envolvem investidas para apropriação privada direta das águas, com cercamento e expropriação de territórios. “Setores empresariais somados concorrem na responsabilidade direta de mais de 80% dos casos, mas não é desprezível a participação direta e indireta do Estado, que deveria garantir o imperativo legal da água como bem público e direito humano”, anota o relatório.

No Pará, o rio Tapajós é um dos exemplos das desgraças que os brasileiros promovem contra seu próprio patrimônio. “A nossa vida era de fartura na margem de um dos mais lindos rios de águas doces da Amazônia. Águas verdes e ricas em variedade de peixes. Tucunaré, surubim, dourada”, conta a ribeirinha Marilene Rodrigues Rocha, moradora da comunidade Vista Alegre do Muratuba, situada na Reserva Extrativista (Resex) Tapajós-Arapiuns.

“De uns tempos pra cá, 2005 ou 2006, começou a mudar, perder a cor. Já nessa época a gente clamava e não éramos ouvidos. Agora descobrimos que muitas comunidades bebem água e comem peixes contaminados pelo mercúrio dos garimpos. Agora se sente coceira no corpo quando se banha. Não é mais aquele banho bom”, lamenta a ribeirinha.

“Uma pesquisa recente da Universidade Federal do Pará, Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz) e parceiros mostrou que 90% dos ribeirinhos do

A FALTA DE ÁGUA

A falta de água para a vida de indígenas e ribeirinhos tem significado muito diferente de abrir a torneira e não poder lavar louça. “Mudou a dinâmica de nossa vida toda. Até nosso transporte. Nossos rios são nossas ruas”, relata Lorena Curuaia, nascida em Jericoá, aldeia Xipayá-Curuaia, no centro da Volta Grande do Xingu, em uma das áreas mais atingidas pelas secas provocadas pela construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, em Altamira (PA).

“Não tem mais como escoar a produção que ia pelos rios. A estrada não funciona. A estrada não pode funcionar se não tiver veículo. A produção que ia para a cidade hoje está estragando na aldeia”, afirma a indígena. Lorena Curuaia conta que a Volta Grande do Xingu tem 130 quilômetros quadrados, com cerca de 27 comunidades e 12 mil habitantes, entre indígenas, ribeirinhos e pescadores artesanais. Além de não ajudar, a estrada atrapalha a vida dos nativos, pois é por ela que chegam os forasteiros que agem com violência nas terras indígenas.

Com o barramento do Xingu, até mesmo a velocidade das cheias e vazantes que eram parte da natureza hoje são controladas pela Norte Energia, por meio das vazões que passam pelas comportas da usina hidrelétrica. “Uma hora a água está em cima, outra hora está embaixo. Não há mais verão e inverno. Não se encontra mais peixe no igapó. Hoje a água traz é coceira no corpo. As caças foram para lugares bem mais longe. Os pontos estratégicos de alimentação não existem mais. As nossas plantações tinham mais vida. Acho que a água chegava de outro modo, parece que o solo perdeu também nutrientes”, conta Lorena.

Na região Norte, segundo o relatório da CPT, foi registrado um aumento de 18% nos conflitos por água, com 66 em 2020 e 78 em 2021. E as famílias envolvidas passaram de 19 mil para 29,2 mil (54%). O Pará foi o que mais contribuiu para o aumento de casos, de 31 para 47 (52%). E o número de famílias envolvidas cresceu de 7,8 mil para 16,1 mil (105%).

Federal em Roraima, é um marco no julgamento do genocídio no Brasil.

Essa violência no campo parte também de agentes que deveriam proteger as minorias. Segundo a CPT, em 13 de agosto de 2021, a Força Nacional de Segurança, com a Polícia Militar de Rondônia, assassinou três sem-terra no Acampamento Ademir Ferreira, em área da Liga dos Camponeses Pobres (LCP). “O número de assassinatos no estado chegou a 11, sendo que 8 deles são de pessoas acampadas ou aliadas do referido movimento social, o que indica uma verdadeira caçada dos órgãos repressivos do estado e da União contra esse grupo”, afirma o documento.

Rondônia detém o recorde nacional em 2021, com 11 mortes violentas. Em seguida, vem o Maranhão com 9, Roraima, Tocantins e Rio Grande do Sul, com 3 assassinatos cada um. No País, das 35 execuções no campo, 10 foram indígenas, 9 sem-terra, 6 posseiros, 3 quilombolas, 2 assentados da reforma agrária, 2 proprietários familiares, 2 quebradeiras de coco babaçu e 1 pessoa aliada dos movimentos sociais.

O número de sem-terra assassinados cresceu 350% comparado ao ano anterior, enquanto o de vítimas posseiros de terra foi multiplicado por seis. E as mortes ocorridas em consequência de conflitos saltaram de 9 em 2020 para 109 em 2021. Um aumento de 1.110%. Dessas, 101 foram de indígenas Yanomami. Os conflitos também fizeram crescer de 9 para 13 os registros de pessoas torturadas (44%) e agredidas fisicamente de 54 para 75 (39%).

Segundo a CPT, o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff (PT) provocou o aprofundamento de “uma política antirreforma agrária, expropriatória e violenta nas áreas rurais” do País. Os números comprovam essa nova realidade. Os conflitos por terra cresceram 46%, o número de assassinatos 34% e os conflitos por água triplicaram. Entre 2011 e 2015, foram registrados 6.737 conflitos no campo, envolvendo mais de 3,5 milhões de pessoas. No período seguinte, de 2016 a 2021, esses números subiram a 10.384 conflitos e atingiram 5,5 milhões de pessoas.



Foto: Andressa Zumpano/CPT

Baixo Tapajós, onde moramos, estão contaminados. Alguns com níveis altíssimos de mercúrio”, exclama a coordenadora do Conselho Indígena Tupinambá, Raquel Tupinambá. “Essas questões têm nos tirado o sono, nos preocupado muito. Sabemos do risco, certamente já temos efeitos colaterais em nossas vidas. A gente implora que as autoridades, o Estado, o governo, olhem para essa situação. E temos que nos mobilizar para tentar frear essa destruição que afeta as águas, que são a principal fonte de vida para nós humanos e para outros seres vivos.”

O documento da CPT destaca que Roraima, onde em 2020 não houve registro de conflitos por água, passou a ter seis casos, com o envolvimento de 8.155 famílias. O salto se deveu ao registro dos problemas provocados pelos garimpos em território Yanomami.

OS CONFLITOS NO MARANHÃO

No Nordeste, o Maranhão, estado que também faz parte da Amazônia Legal, teve o maior aumento nacional de conflitos em 2021, chegando a 830%, partindo de 3 em 2020 para 28 em 2021. No mesmo período, mais famílias sofreram os prejuízos das pressões sobre a

água (58%), passando de 873 para 1.380. No balanço das estatísticas do Brasil, houve leve queda, de 350 conflitos envolvendo 56,2 mil famílias para 304 e 56,1 mil famílias.

Os indígenas Tremembé de Engenho, em São José do Ribamar, terceiro mais populoso município do estado na região metropolitana de São Luís (MA), enfrentam o problema das águas poluídas do rio Pindai e a pressão de empresários que querem ainda se apropriar da água do subsolo de seu território, além de lutarem contra desmatamentos, loteamentos ilegais e constantes invasões que ameaçam a sua vida.

“No subsolo do meu território tem um lençol de água mineral. O interesse dos grileiros é esse, pela riqueza que é de todos. A gente perfura um poço de 15 ou 20 metros e já encontra água boa, potável. Não precisa de tratamento”, conta Robervalter Lisboa Ribeiro Cruz, ou Robson Tremembé, como é conhecido. Ele disse que são várias empresas de olho no patrimônio indígena, já consolidadas e com exploração em outras áreas do estado.

O rio Pindai, há cerca de 20 anos, também ainda era água boa para os indígenas. “Nós tomávamos banho, bebia dela, pescava, brincava. Hoje em dia o nosso rio não serve

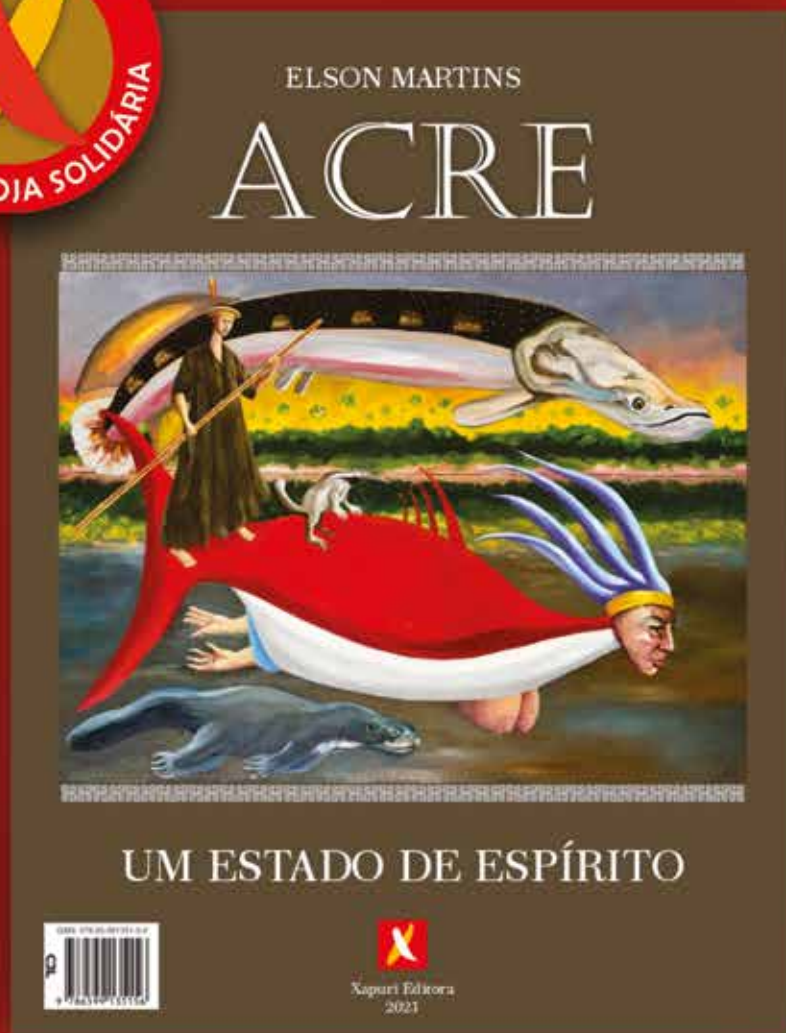
mais pra nada. A água é escurinha, de tanta poluição de esgoto que vem da cidade. É uma tristeza muito grande a respeito desse rio que perdemos. Agora querem construir fonte de água mineral onde está nossos plantios, nossa horta, nossa roça”, diz Robson Tremembé.

Em fevereiro de 2021, o povo Tremembé obteve decisão definitiva do Supremo Tribunal Federal (STF) suspendendo a reintegração de posse de seu território dada em 1ª instância por juizado incompetente para o processo, que é da ordem da Justiça Federal. Uma ação foi impetrada por empresários do setor de água mineral interessados em seu despejo. Os indígenas sofreram diversos ataques e ameaças.



Cristina Ávila – Jornalista. Fez comunicação na PUCRS e iniciou o jornalismo em pequenos diários de Porto Velho, em Rondônia, onde foi atraída por coberturas sobre meio ambiente,

questões indígenas e movimentos sociais. Atualmente atua na imprensa alternativa. Texto e imagens desta matéria encontram-se publicados na íntegra em: <https://amazoniareal.com.br/violencia-no-campo-dispara-no-brasil/>



ACRE: UM ESTADO DE ESPÍRITO

“Enfim, saiu o meu primeiro livro, que eu chamo de boletim espiritual. São causos, contos, entrevistas, relatos pessoais, com um ethos amazônico,” publicou em suas redes sociais o jornalista acreano Elson Martins, um gigante do jornalismo brasileiro.

Elson é membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri e seu livro, em versão impressa e digital (e-book), produzido pela Xapuri, está disponível em nossa loja solidária: www.lojaxapuri.info

COMPRA AQUI!





Foto: Hutukara Associação Yanomam

TERRA INDÍGENA YANOMAMI – 30 ANOS: INTERCÂMBIO E FORÇA POLÍTICA DO MOVIMENTO INDÍGENA

Maial Kayapó

Em 1989, meu pai Paulinho Paiakan, grande líder do povo Kayapó, visitou a aldeia Demini, na Terra Indígena Yanomami, para fortalecer a luta do povo Yanomami pela homologação de sua própria Terra Indígena que, ao final, ocorreu em 25 de maio de 1995.

Agora, 33 anos depois, aqui estou eu, depois da fase aguda da pandemia da Covid-19, nesta mesma Terra Indígena Yanomami, na Xehobi, fazendo o mesmo caminho irmão e solidário de meu pai, para celebrar não só a conquista do território, mas também a imensa capacidade de luta e resistência do povo Yanomami.

No passado, líderes como meu pai, Ailton Krenak e Davi Yanomami construíram com Chico Mendes e

outras lideranças extrativistas uma grande Aliança dos Povos da Floresta para defender os direitos de todos os nossos povos. Nossos pais e mães fizeram bonito e nos deixaram um grande legado.

Hoje, a história exige que nós, jovens, em especial das três nações indígenas mais afetadas pelo garimpo ilegal na Amazônia – Yanomami, Munduruku e Kayapó –, que a gente se junte outra vez em uma grande Aliança dos Povos da Floresta para defender os direitos da nossa geração e das gerações que virão depois de nós.

Para mim, foi muito emocionante estar com Davi e com seu filho Dário Yanomami nesta grande celebração na floresta. Em especial, foi lindo ouvir de Davi: “Maial,

aqui é sua casa, aqui é seu povo também. Eu sou seu pai também, estamos juntos na luta forte e estamos aqui para nos apoiar”.

Agradeço, Davi. Você e eu meu pai sempre me ensinaram que nossa luta está ligada à ancestralidade, em uma luta que nunca acaba. Nós, filhos, filhas, netos e netas de grandes líderes como você e meu pai, seguiremos em luta por dias melhores para os dias da floresta.



Maial Kayapó – Jovem liderança indígena, filha do grande líder Kayapó Paulinho Paiakan, representante do Instituto Paiakan.

A FETEC CELEBRA, JUNTO COM OS POVOS DA FLORESTA, AS TRÊS DÉCADAS DE HOMOLOGAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS KAYAPÓ E YANOMAMI. O FUTURO DO BRASIL É INDÍGENA!



FETEC 
Centro Norte



SÔNIA GUAJAJARA: A EMBAIXATRIZ DO BRASIL NA TIME

José Ribamar Bessa Freire



Foto: TaouiiPraTi

A *Time* foi e continua sendo uma revista deles. Deles que eu digo é do grande capital financeiro que, em companhia de parte da mídia brasileira, há quatro anos apoiou a eleição do Coiso – um Zé Ruela – sob a garantia de o Ministério da Economia ser entregue ao *Chicago Boy* Paulo Guedes, que havia estagiado no Chile de Pinochet. *The right man in the right place.*

Por que então uma revista, que joga no time DELES, entrevistou Lula com foto na capa apresentando-o como “o líder mais popular do Brasil”? E agora escolhe Sônia Guajajara, gente NOSSA, como uma das 100 pessoas mais influentes no mundo em 2022. Seria Sônia *the right woman in the wrong place*? Mudou o Natal ou mudei eu?

Se a *Time* fosse “comunista”, nem precisava explicar. Mas é o contrário disso. Por que então

não colocou o Coiso na capa de uma de suas edições? Por que não incluiu no rol dos influentes algum dos quatro zeros, um deles ex-quase-futuro embaixador do Brasil nos Estados Unidos? Afinal, na lista dos selecionados não há apenas santos, figuram também bandidos.

É que a revista constatou que a família Coiso, embora de direita – o que agradava os editores – é composta por um conjunto de zeros à esquerda – o que os torna inúteis na defesa dos interesses do capital. A má gestão do Zero-Mor evidenciou sua incompetência em atender as exigências do mercado.

Até mesmo o capitalismo selvagem tenta guardar as aparências, exigindo um mínimo de compostura, o que falta ao despreparado Coiso, cujo discurso negacionista defende a barbárie. “A vacina pode causar aids” – ele

garantiu no momento em que o mundo lutava contra a Covid-19. Somam-se a isso as boçalidades truculentas sobre clima, Amazônia, garimpo, homossexuais, mulheres, índios, quilombolas, liberação de armas, racismo, ataque às urnas eletrônicas – as mesmas que o elegeram junto com os três zeros rachadinhas.

SINFONIA AMERICANA

Não foi o inútil do Coiso que a mídia ajudou a eleger, mas o Paulo Guedes, fiel escudeiro do Mercado. Tal situação nos remete ao romancista estadunidense John dos Passos, autor de “*O Grande Capital*” – uma “sinfonia americana”, que retrata a hegemonia do capital monopolista e traz a biografia de personagens pobretões de origem humilde como Sônia e Lula.

Dois brasileiros figuram na lista das personalidades que mais influenciaram a vida no planeta em 2022: além de Sônia Guajajara, o pesquisador Túlio de Oliveira, diretor de Centro de Inovação Epidemiológica da África do Sul, que faz parte da equipe responsável pela detecção da variante Ômicron da Covid-19. Ambos selecionados como pioneiros contribuíram efetivamente para debater e esclarecer graves problemas que afligem a humanidade.

Os dois estão na companhia de 98 personalidades distribuídas em seis categorias: artistas, inovadores, titãs, líderes, ícones e pioneiros. Entre os líderes aparecem Zelensky, presidente da Ucrânia, Putin, presidente da Rússia, Gabriel Boric, presidente do Chile, além de Ketanji Jackson, a primeira mulher negra nomeada para a Suprema Corte dos Estados Unidos.

- "É uma enorme honra estar com a líder indígena, Sônia Guajajara, na lista dos 100 mais influentes da revista *Time*. Vamos trabalhar para um Brasil melhor que respeite a ciência, a vida, a população indígena e a natureza" - publicou Túlio no Twitter.

Mãe de três filhos - Mahkai, Yaponã e Y'wara -, Sônia encontrou tempo para participar de várias frentes de luta, que a tornaram conhecida dentro e fora do movimento indígena. Durante seis anos, dirigiu a Coordenação das Organizações e Articulações dos Povos Indígenas do Maranhão (Coapima), foi vice-presidente da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) e se tornou coordenadora da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib).

Consolidou projeção nacional ao ser ovacionada, em dezembro de 2015, por cerca de 1500 indígenas de 139 etnias participantes da I Conferência Nacional de Política Indigenista



Foto: divulgação

em Brasília. Na ocasião, cobrou com sucesso da presidente Dilma uma posição contra a PEC 215 que inviabilizava a demarcação das terras indígenas.

A NOSSA EMBAIXATRIZ

Depois disso, Sônia coorganizou a Primeira Marcha das Mulheres Indígenas em Brasília, em 2019, durante a qual foi criada a Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGA). No mesmo ano liderou a Jornada Sangue Indígena Nenhuma Gota

Mais, que percorreu 12 países da Europa, denunciando violações cometidas pelo Governo do Coiso. Integra ainda o Conselho da Iniciativa Inter-religiosa pelas Florestas Tropicais do Brasil, iniciativa de um Programa da ONU.

Como nossa embaixatriz, ela já percorreu mais de 30 países, levando sempre um discurso em defesa da floresta, das culturas e línguas indígenas e da vida. Em 2008, participou do Fórum Permanente da ONU, em Nova Iorque, onde defendeu que "o centro do mundo é a Amazônia, pois se acabarem com as nossas



Foto: divulgação

matas, riquezas naturais, não haverá Estados Unidos ou Nova Iorque que sobreviva”.

Ela nos representou em diversos eventos internacionais, entre os quais o corrido em Cancún, no México, em 2010, ocasião em que entregou pessoalmente o Prêmio Motosserra de Ouro à senadora Kátia Abreu, que presidia a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), acusada por ambientalistas de querer detonar o Código Florestal.

Em defesa do meio ambiente, contra o desmatamento e a poluição dos rios, sua voz se fez ouvida no Conselho de Direitos Humanos da ONU e nas Conferências Mundiais do Clima (COP) de 2009 a 2017, além de ecoar em outros órgãos e instâncias internacionais, entre elas o Parlamento Europeu.

Suas críticas à política indigenista e ambiental do Governo Federal feitas em um documentário amplamente difundido no Brasil e no exterior fizeram com que fosse intimada pela Polícia Federal a prestar depoimento. Esse claro ato de censura foi arquivado por falta de consistência jurídica.

No texto para a revista *Time* sobre a trajetória de Sônia Guajajara, Guilherme Boulos destacou o fato de que Sônia, filha de pessoas iletradas, teve que sair de casa aos dez anos de idade para trabalhar, mas conseguiu se formar em uma universidade, desafiando as estatísticas.

Quer mais ou é suficiente para perceber que a revista reconheceu essa influência de Sônia Guajajara na discussão que rola

no mundo? Ali onde se extermina índios, pretos, quilombolas e pobres, ali onde se queima a floresta e se mata os rios, ali onde agentes da Polícia Rodoviária Federal pagos pelo contribuinte torturaram e assassinaram Genivaldo, que era de Jesus e de todos os Santos, ali ecoa a voz de Sônia Guajajara ouvida nos cinco continentes.

Ela, Ailton Krenak, David Yanomami nos representam.



José Ribamar Bessa Freire

- Professor, escritor e cronista maior do Brasil e da Amazônia. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri. Matéria publicada originalmente no site www.taquiprati.com.br com título "A Embaixatriz Sônia Guajajara na Time". As imagens desta matéria acompanham a publicação original e foram cedidas pelo autor.



A HÓ A HÓ

LIMA LENDA DO SUL DO BRASIL

Existe no imaginário popular associado ao folclore do Sul do Brasil a figura de uma criatura monstruosa, parecida com um carneiro de grandes e pontudos chifres, também descrita como um cachorro peludo, que soltava fumaça pela boca quando atacava, com uma avidez danada, desavisados seres humanos.

Ao contrário da maioria dos mitos brasileiros, que se apresentam como figuras solitárias, os Ahó Ahó agiam em bando, emitindo um som parecido com Ahó Ahó (daí seu nome), quando investiam contra indígenas que se desgarravam das reduções mantidas pela Companhia de Jesus. É o que diz a lenda.

De onde sai uma história dessas? Neste caso, parece ser que o mito do Ahó Ahó foi difundido pelos padres jesuítas, no tempo das Missões, para assustar os índios Guarani, demonizando sua jornada

livre pela floresta, para forçar sua permanência fora de suas aldeias, no território das Missões.

A ideia de que a única solução para se salvar da fúria dos Ahó Ahó era subir numa palmeira sagrada de onde se tiravam as palmas para as bênçãos da Igreja no Domingo de Ramos (o domingo antes da Páscoa, segundo o Cristianismo) reforça a tese da difusão do mito pelos jesuítas das Missões do Sul do Brasil.

Entretanto, o mito parece ter ido mais além e hoje é conhecido em todo o território ocupado pelas nações do povo indígena Guarani, tanto no Brasil quanto na Argentina, na Bolívia e no Paraguai.



Zezé Weiss - Jornalista Socioambiental. Releitura da Lenda dos Ahó Ahó, com base em literatura encontrada na Internet.

**Não é verdade
que está tudo bem.**

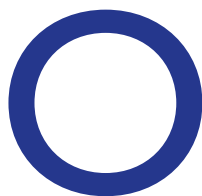
É sobre **isso**

“A CRISE NA EDUCAÇÃO
BRASILEIRA NÃO É UMA
CRISE, É UM PROJETO!”

-Darcy Ribeiro

#NENHUMDIREITOAMENOS

#Art:208



s problemas encontrados nas escolas públicas prejudicam todos nós.

Salas de aula superlotadas, falta de professores, de monitores, de transporte escolar, de valorização dos profissionais são feridas graves, mas que podem ser curadas com uma gestão responsável e que preze pela educação libertadora, que mire na construção de uma sociedade justa e solidária, que respeita e que ensina a respeitar.

Hoje, no DF, a estratégia política adotada é a mesma aplicada em nível nacional: destruição dos serviços públicos, retirada dos direitos dos cidadãos e descaso com o sofrimento alheio. E quem paga o pato dessa má gestão somos nós, nas escolas e na vida.

O atual governo do DF aposta em grandes obras em pontos estratégicos e empurra as carências do sistema educacional para debaixo do asfalto. Depois disso, faz discurso de que está tudo bem.

Não é verdade que está tudo bem. É por isso que o Sinpro-DF toma a frente da ação que denuncia os problemas da educação e cobra mudanças em nome do povo, da democracia e de uma escola pública que seja em si mesma um espaço de educação, criatividade, acolhimento, combate a todos os tipos de violência; um espaço de alegria!





O LULA ESTÁ ERRANDO CADA VEZ MELHOR

Antônio Carlos Queiroz (ACQ)

De acordo com o Datafolha, Lula cresceu desde março oito pontos na pesquisa espontânea, de 30% para 38%; viu sua rejeição cair de 37% para 33%; e parece ir consolidando perspectiva de ganhar as eleições no primeiro turno, agora com 54% dos votos válidos.

De março para cá, o Cara ("the Guy", em inglês) fez uma jogada de mestre ao emplacar o Geraldo Chuchu Alckmin como vice, ao som da Internacional e tudo no XV Congresso do PSB; prometeu revogar a reforma trabalhista "do tempo da escravidão"; disse clara e francamente o que pensa do aborto e da guerra na Ucrânia, e por aí foi.

Certos analistas políticos, que se consideram mais brilhantes que os raios do Sol "nas bancas de revista" (Ai que preguiça!), continuam no entanto escrevendo que o Lula errou feio nessas declarações "infelizes", "desastradas", "inadequadas" ou "desnecessárias".

Eu tenho opinião oposta. Acho que o Cara andou lendo o *Worstward Ho*, do Samuel Beckett, com o famoso trecho tão citado para ilustrar

atitudes de firmeza, teimosia, resistência, superação, resiliência e perseverança:

*Ever tried. Ever failed.
No matter. Try again.
Fail again. Fail better.*

Algo assim como:

Sempre tentou. Sempre errou.
Não importa. Tente de novo.
Erre de novo. Erre melhor.

O Lula está errando cada vez melhor, vocês também não acham, não?



Antônio Carlos Queiroz (ACQ) - Jornalista militante, em <https://brasiliarios.com/cronicas-agudas/80-antonio-carlos-queiroz/2063-o-lula-esta-errando-cada-vez-melhor>

SINDICATO DOS BANCÁRIOS OFERECE CANAL PARA ATENDER E ACOLHER MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA



O canal funciona via WhatsApp, 24h por dia, e oferece acolhimento, orientação e atendimento jurídico especializado.

Atende bancárias e não bancárias que estejam em situação de violência doméstica e familiar.

 **(61) 99292-5294**





PELA VIDA E PELA DEMOCRACIA

Leonardo Boff

Este texto, Pela Vida e pela Democracia, nasceu como expressão de amor à pátria, ao povo brasileiro, especialmente aos milhões de empobrecidos e marginalizados e às famílias que choram as mais de 660 mil vítimas do Coronavírus, a maioria delas, evitáveis.

Nasceu também como protesto contra os verdadeiros crimes cometidos pelo atual presidente contra o povo, os pobres, os povos indígenas, negros, mulheres e jovens, contra a natureza e a própria humanidade.

O grande desafio consiste na reconstrução do que foi literalmente destruído e na criação de uma atmosfera de civilidade, de dignidade e de irmandade entre todas as pessoas.

Esse é o sentido desta conclamação Pela Vida e pela Democracia.

PELA VIDA E PELA DEMOCRACIA

Vivemos tempos dramáticos, como mundo e como país, tempos que nos obrigam a fazer uma opção. Por imperativo humano, ético e também espiritual, afirmamos:

Somos pela vida, em toda a sua diversidade, especialmente pela vida humana a partir daqueles que menos vida têm, condenados a morrer antes do tempo.

Somos contra a morte produzida pela violência secularmente praticada contra pobres, negros, indígenas, mulheres e LGBTQ+, e hoje agravada, pois insuflada

a partir de cima e naturalizada. Nos insurgimos contra a morte das mais de 660 mil pessoas vitimadas pela Covid-19 que, em grande parte, poderia ter sido evitada se não fosse a irresponsabilidade do governo.

Somos pelo ato de amar que move o céu, as estrelas e nossos corações.

Somos contra armar a população, o que fez disparar o número de mortes violentas na rua, no trânsito e nas casas.

Somos contra o ódio, a difamação, os maus hábitos e a violência simbólica, difundidos pelas redes sociais, Rádios, TVs e imprensa.

Somos pela verdade contra toda a mentira, as *fake news* e o ocultamento da realidade, como políticas de Estado.

Somos pelo cuidado e pela preservação de nossas riquezas naturais, de nossas florestas e biomas, Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga e Pantanal, cada vez mais agredidos e devastados; de nossas águas e solos contaminados pelo excesso de adubação química e dos agrotóxicos.

Somos contra a sistemática devastação de nossos ecossistemas, via mineração, garimpos ilegais em terras indígenas, madeireiras, avanço das pastagens e do gado, da soja, algodão e outras monoculturas do agronegócio, voltadas para a exportação em detrimento da produção de alimentos para a população. Com a disparada dos preços, a fome voltou a rondar a mesa das famílias.

Somos pela defesa de nosso rico patrimônio cultural, pelo incentivo à educação de qualidade para todos, à ciência e à tecnologia, para estarmos à altura da complexidade e das demandas de nossa sociedade.

Por esta razão, somos contra e condenamos veementemente o desmonte oficialmente conduzido de nosso sistema educacional, de nossas instituições científico-técnicas, das universidades públicas; somos contra e condenamos com veemência o menosprezo de nossas tradições populares, afro e indígenas.

Somos contra a privatização dos bens que pertencem a todo o povo, como a água, as terras públicas, as áreas de proteção ambiental, a energia, a Eletrobras, a Petrobras.

Somos contra um chefe de Estado que não pratica as virtudes que deveriam ser abraçadas pelos cidadãos e pelas cidadãs, que é deseducado, usa palavras de baixo calão, exalta a violência e até mesmo a tortura e está permanentemente em conflito com as instituições que regem um Estado Democrático de Direito.

Somos contra as constantes ameaças de uma ruptura institucional, por parte do chefe de Estado, ao arrepio da Constituição e no desrespeito às leis.

Somos pela democracia como valor universal a ser vivido em todas as instâncias e como forma de organização social, que busca representar os interesses gerais



da população e não os interesses dos poderosos, com privilégios acobertados pelo orçamento secreto. Toda destinação de dinheiro público deve ser transparente, acompanhada pelos cidadãos, e auditada pelos Tribunais de Contas e controlada pelo Parlamento e por uma imprensa livre.

Somos pela plena liberdade democrática na manifestação das opiniões, no direito de frequentar todos os espaços públicos e de ter acesso aos bens comuns.

Cultivamos a esperança de que a verdade triunfará sobre a falsidade e de que a convivência pacífica entre todos e todas corresponda ao anelo mais profundo do nosso ser.

Estimamos que a democracia representa uma das melhores formas de as pessoas participarem na construção do bem comum e construir relações que propiciem uma vida mais humana e espiritual e que torne mais fácil o amor, a solidariedade e o cuidado recíproco de uns pelos outros e pela Mãe Terra.

Estamos, finalmente, seguros de que a Vida seguirá abrindo uma senda de esperança no caminhar de nossa atribulada sociedade.

Petrópolis, 30 de maio de 2022.



Leonardo Boff - Membro da Iniciativa Internacional da Carta da Terra, do Centro de Defesa dos Direitos Humanos/CDDH de

Petrópolis e membro do grupo Emaús. Também assinam o documento: **Márcia Maria Monteiro de Miranda** - Educadora popular, Teóloga, Co-fundadora do CDDH de Petrópolis e membro do grupo Emaús. **José Oscar Beozzo** - Historiador, Coordenador Geral do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular/CESEPE membro do grupo Emaús. **Maria Helena Arrochellas** - Diretora do Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade/CAALL, Coordenadora Editorial do Boletim REDE de Cristãos e membro do grupo Emaús.



UM SALVE PARA MARTINHA DO COCO!

Romulo Andrade



Foto: Bento Viana



Pintur: Martinha em Oficina no CEF 03 Paranoá

Marta Leonardo ou Martinha do Coco é artista e moradora do Paranoá há 40 anos. Nasceu em Olinda, PE, de onde migrou com sua família para a antiga Vila do Paranoá aos 17 anos de idade. Desde então, trabalhou como empregada doméstica para ajudar no sustento da casa.

Em uma dessas experiências de trabalho, teve contato com uma musicista que percebeu seu talento artístico e a ajudou a retomar seu amor pela música. Seu primeiro experimento musical foi uma banda com instrumentos reciclados, quando trabalhou como gari, varredora de rua.

Martinha teve a oportunidade de iniciar sua carreira artística cantando samba de coco no grupo de percussão da Organização Tambores do Paranoá - TAMNOÁ - e é uma das fundadoras do Ponto de Cultura Tambores do Paranoá. A partir daí, ela vem desenvolvendo um trabalho autoral com as influências culturais da terra onde nasceu e cresceu - coco, maracatu e ciranda.

Em 2013, Martinha do Coco recebeu do Ministério da Cultura o título de Mestre da Cultura Popular e em 2019 recebeu foi homenageada pela Câmara Legislativa do Distrito Federal.

Desde o início de sua carreira, em 2006, Martinha do Coco realizou apresentações com sua banda em diferentes eventos dentro e fora do DF, tendo se apresentado no show de comemoração do Aniversário de 54 anos de Brasília, na semana de extensão universitária da UnB e em diversos festivais, como o Festival de Música e Cultura Popular do Paranoá, o Festival Latinidades, o Festival de Cultura Popular de Bonito/GO, Festival de Cultura Como Rosa para o Sertão de Sagarana/MG, o Festival de Rabeca de Bom Jesus/PI e o Festival *Rythmes et Formes du Monde*, em Toubab Dialaw/Senegal.



Foto: Romulo Andrade/
Apresentação em maio na Oca do Sol.

Mulher negra e periférica, Martinha do Coco é hoje uma referência de tradição para os moradores no Distrito Federal e promove todo ano, no Paranoá, um pré-carnaval de rua com o bloco Segura o Coco.

Martinha foi minha aluna nas oficinas de Arte, Cultura e Cidadania que como professor pude organizar de 2003 a 2005 no EJA - Educação de Jovens e Adultos -, trabalhando no CEF 03 do Paranoá sob a direção da professora Miriam.

Por conta do apoio e da sensibilidade dessa diretora, promovemos uma experiência das mais criativas, enriquecedoras e alegres com alunos de 15 a 60 anos. Aos alunos era dado o direito de escolher o que iam desenvolver em nossas atividades, e o resultado foi excelente.

Educação de qualidade, descolonizada, é uma chave pra se repensar as relações na sociedade - aí é que pode estar a mudança revolucionária que sonhamos: *asi, paso a paso* seguimos '*agrietando el capitalismo*' (abrindo fendas na pesada estrutura do sistema econômico) - expressão usada entre as comunidades do movimento zapatista do sul do México.



Romulo Andrade - Artista visual, poeta e ativista dos Direitos da Natureza. Perfil produzido a partir do conhecimento próprio e de informações contidas em release do Coletivo Território Cultural do Paranoá. Imagens cedidas por Romulo Andrade.

II CONFERÊNCIA NACIONAL POPULAR DE EDUCAÇÃO

Educação pública e popular se constrói com democracia e participação social: nenhum direito a menos e em defesa do legado de Paulo Freire.



www.fnpe.com.br

CONAPE 2022

Conferência Nacional Popular de Educação

15, 16 E 17 DE JULHO DE 2022

Centro de Convenções de Natal - RN

CNTE Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação *Brasil*
www.cnte.org.br

Filiada à
CUT
BRASIL

IUE
Internacional
da Educação

FNPE
Forum Nacional Popular de Educação



XAPURI

CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VENI COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **360**^{,00}
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **390**^{,00}
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ!

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

